

## *A MULHER DE VERDE: TRADUÇÃO INÉDITA DE CRISTINA FERNÁNDEZ CUBAS*

### *THE WOMAN IN GREEN: A TRANSLATION INTO BRAZILIAN PORTUGUESE OF CRISTINA FERNÁNDEZ CUBAS' SHORT STORY*



Ana RESENDE  
Doutoranda  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Instituto de Letras  
Programa de Pós-Graduação em Letras  
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/4379691112134995>  
<https://orcid.org/0000-0002-1294-0740>  
hoelterlein@gmail.com

**Resumo:** Cristina Fernández Cubas, nascida em 1945 na cidade de Arenys de Mar, Barcelona, é uma escritora e jornalista espanhola. Traduzida para mais de dez idiomas, Fernández Cubas é uma das autoras mais premiadas e renomadas de seu país. Sua maestria no conto lhe rendeu amplo reconhecimento, embora seu talento literário também se estenda a romances, literatura infantil, peças de teatro, biografias e memórias. Desde a publicação de seu livro de estreia, *Mi hermana Elba* (1980), a autora tem ocupado um lugar de destaque no cenário literário espanhol. Ela é conhecida tanto por seu papel na revitalização das narrativas curtas quanto por sua habilidade única de evocar o medo por meio de suas profundas explorações da natureza humana.

**Palavras-chave:** Conto. Cristina Fernández Cubas. Tradução. Literatura espanhola. Medo.

**Abstract:** Cristina Fernández Cubas, born in 1945 in Arenys de Mar, Barcelona, is a Spanish writer and journalist. Fernández Cubas has been translated into over ten languages and is recognized as one of the most honored and renowned authors of her country. Her mastery in writing short stories has earned her widespread recognition, although her literary talent also extends to novels, children's literature, plays, biographies, and memoirs. The author has held a prominent position in the Spanish literary scene since the publication of her first book, *Mi hermana Elba* (1980). She is well-known for her role in revitalizing short narratives and her distinctive ability to evoke fear through her profound explorations of human nature.

**Keywords:** Short story. Cristina Fernández Cubas. Translation. Spanish Literature. Fear.



---

**C**ristina Fernández Cubas, nascida em 1945 na cidade de Arenys de Mar, Barcelona, é uma escritora e jornalista espanhola. Traduzida para mais de dez idiomas, Fernández Cubas é uma das autoras mais premiadas e renomadas de seu país. Sua maestria no conto lhe rendeu amplo reconhecimento, embora seu talento literário também se estenda a romances, literatura infantil, peças de teatro, biografias e memórias.

Desde a publicação de seu livro de estreia, *Mi hermana Elba* (1980), a autora tem ocupado um lugar de destaque no cenário literário espanhol. Ela é conhecida tanto por seu papel na revitalização das narrativas curtas quanto por sua habilidade única de evocar o medo por meio de suas profundas explorações da natureza humana.

As histórias de Fernández Cubas são enraizadas na realidade, partindo do âmbito do normal ou do reconhecido, conforme exigido pelo gênero fantástico. No entanto, em um dado momento, o ilógico e o irracional emergem, surpreendendo o leitor. Em outras ocasiões, ela abandona os elementos sobrenaturais, permitindo que o horror surja no cotidiano.

Em suas explorações, Fernández Cubas frequentemente demonstra que o universo linear e lógico em que acreditamos viver é, na verdade, muito mais complexo e misterioso.

2 Como ela mesma afirmou: “Encontro o fantástico, o perturbador ou o insólito à espreita em qualquer esquina” (Andrés-Suarez & Janices, 2007, p. 141, tradução nossa). Essa citação resume perfeitamente a essência de sua abordagem literária, que continua a fascinar leitores em todo o mundo.

Vários estudiosos se debruçaram sobre o uso frequente da duplicação em sua obra literária. Por exemplo, a coletânea de ensaios acadêmicos *Mapping the Fiction of Cristina Fernández Cubas* (2005) explora os efeitos da duplicação e a construção da subjetividade em suas histórias. Além disso, o livro *Angles on Otherness in Post-Franco Spain* (2002), de Jessica A. Folkart, oferece uma análise profunda da maneira como Fernández Cubas redefine o sujeito feminino no contexto da Espanha pós-franquista.

Cristina Fernández Cubas, em suas próprias palavras, é fascinada pelos mecanismos da mente, especialmente em situações extremas e sonhos. *Todos los cuentos* (2008) reúne mais de 25 anos de escrita de Fernández Cubas, incluindo vinte contos de cinco livros. Tal coletânea oferece uma visão abrangente do universo literário da autora.

Um exemplo notável de seu trabalho é o conto *La mujer de verde* (A mulher de verde) que ora traduzimos, publicado pela primeira vez na coletânea *Con Agatha en Estambul* (1994). A narradora-protagonista, alta executiva de uma empresa, é assombrada por uma visão recorrente: uma mulher em um vestido de seda verde, com um colar violeta e um olhar frio e

---

enigmático, idêntica à jovem secretária que ela mesma contratou recentemente, Dina Dachs. A princípio, ela admite um possível erro, fruto de trabalho excessivo e cansaço, mas aos poucos se convence da realidade da aparição. Por fim, ela consegue identificar a verdade: “A mulher de verde é Dina morta. Testemunhei seu processo de decomposição, suas aparições impossíveis em ruas movimentadas, em espelhos, em becos sem saída” (Cubas, 1994, p. 91, tradução nossa).

---

## A MULHER DE VERDE<sup>1</sup>

Cristina Fernández Cubas

— Sinto muito — diz a jovem. — Você se confundiu.

Eu a ouvia sem piscar, assentindo com a cabeça, como se me confundir fosse a coisa mais natural do mundo. Porque não há outra explicação. Eu cometí um erro. E por um momento repasso mentalmente a lista de todos os pequenos erros que posso ter cometido na vida sem encontrar nada que se pareça com isso. Mas eu não deveria me culpar. Estou cansada, sobrecarregada de trabalho e, para completar, sem conseguir dormir. Ainda hoje de manhã quase telefonei para o senhorio. Como foi que ele alugou o apartamento de cima para uma família tão barulhenta? Mas o que importa agora não são os vizinhos, nem o senhorio, nem o meu cansaço, mas a estranha miragem que, pelo visto, eu tive menos de meia hora atrás. Uma mistura de confusão e certeza que me fez sair às pressas de uma loja de sapatos e correr pela rua atrás de uma mulher que eu insistia em chamar de Dina. E a mulher, sem prestar atenção em mim, seguiu seu caminho, indiferente. Porque não era Dina. Ou, pelo menos, é isso que a verdadeira Dina Dachs está me dizendo, sentada diante da ordenada mesa de trabalho, com o mesmo sorriso inocente com que recebeu a notícia de uma vaga permanente na firma há apenas uma semana. “Não”, retruca ela. “Não saí desta mesa desde as nove da manhã”. E depois, meneando a cabeça compreensivamente: “Sinto muito. Você se confundiu”.

Sim. Agora comprehendo que devo ter me confundido. Porque embora eu ainda esteja espantada com a semelhança, a jovem que está na minha frente é só uma garota comum, educada, cortês... uma secretária eficiente. E a mulher, a desconhecida atrás de quem acabei de correr na rua, trazia no rosto as marcas de uma vida inteira de sofrimento, e tinha um olhar enigmático e frio que não mudou uma única vez, apesar dos meus chamados, dos empurrões das pessoas, da agitação de uma avenida comercial em véspera de feriado. E foi certamente isso que me chamou a atenção, que me levou a pensar que aquela mulher (que eu achava que era Dina) sofria de um distúrbio, de uma ausência, de uma perda momentânea de identidade. Mas agora eu sei que o meu erro só foi meio erro. Porque a desconhecida, quem quer que fosse, precisava de ajuda. Olho novamente para Dina, que veste um pulôver de lã, e para o casaco pendurado no cabideiro e me recordo da mulher. Ela usava um vestido de seda verde em pleno mês de dezembro. Um vestido de festa, decotado, leve... e um colar violeta no pescoço. Indiferente ao frio, ao tráfego, às pessoas. Não digo mais nada. A evidência de que confundi esta jovem com uma lunática me faz sorrir. E me fecho na minha sala. Deixo as compras sobre

---

uma cadeira e começo a examinar a correspondência. Será um mês exaustivo, mas é só um mês. E então estarei em Roma, com Eduardo. Estou feliz. Tenho todos os motivos do mundo para estar feliz.

Nenhum par de sapatos me serve. Um fica muito apertado, pressionando. Para suportar, tenho que comprimir os dedos como se fossem um abacaxi. Com o outro, acontece justamente o contrário. Meus pés se encolhem em formato de abacaxi, mas a finalidade é muito diferente. É como se fossem duas lanchas que não me obedecem e que eu não consigo controlar, e meus pés escorregam e deslizam dentro deles... Já é tarde para voltar para casa e não terei outro remédio senão escolher entre duas formas de tortura. Prefiro a segunda, mas penso muito antes de me decidir. Daqui a meia hora devo comparecer a um jantar de trabalho. Foi por isso que vim para o escritório arrumada e foi por isso também que passei antes em uma loja de sapatos. Uma compra absurda e precipitada. Amanhã vou devolver os sapatos apertados. Porque agora me dou conta de que não tenho apetite e dentro de meia hora serei obrigada a comer. Conheço esse martírio desde que me tornei uma executiva de sucesso, embora seja uma tortura que não tem nada que ver com seu oposto (morrer de fome e não conseguir saciá-la), e isso muitas vezes me faz sentir vergonha. Me decido então pelos sapatos deslizantes como gôndolas (eu não sei explicar, mas eles me parecem mais adequados para o que me espera) e apareço assim no restaurante: pontualmente, arrastando os pés e sem um pingo de apetite. Ler o cardápio me dá náuseas. É uma sensação ridícula e grosseira. E os dez convidados me parecem grosseiros, conversando em tom de cumplicidade sobre as secretárias e com admiração respeitosa sobre as esposas. Ou ainda ridículos como os sapatos que há pouco larguei sobre o tapete. Só espero que o jantar acabe de uma vez por todas, que em algum momento da noite alguém mencione o Eduardo, a última ocasião em que viu o Eduardo, de como as coisas vão bem para o Eduardo. Felizmente, não demora muito. Me perguntam sobre a filial que a empresa acaba de abrir em Roma e (embora ao me referir a Eduardo eu diga “o chefe”) sinto um leve alívio por poder pensar nele, pensar em voz alta, embora o que eu estou dizendo não tenha, na verdade, nada que ver com o que estou imaginando. Mas ninguém sabe disso. Ninguém, nem mesmo os colegas, tem a menor suspeita do meu relacionamento com Eduardo. Nem no escritório e muito menos na casa dele. E às vezes eu gosto de pensar que nem o próprio Eduardo tem muita clareza sobre o nosso relacionamento. Não me importa o que sua esposa diria se soubesse, mas me importa o que Eduardo possa pensar, e esta é a minha melhor arma. E Eduardo não pensa. Ele não pensa em mim como amante, embora essa seja a palavra que melhor descreveria a nossa situação, e eu prefiro que ele não pense em mim como uma amante. Eduardo tem medo das

---

palavras. Das palavras e da esposa. Foi por isso que, pela primeira vez na vida, ele se atreveu a enganá-la, sem sequer ter que dizer para si mesmo: “Estou traindo minha esposa”. Para os convidados, eu sou apenas a ex-colega do chefe, seu braço direito. Para a esposa dele também. E é nisso que eu quero que continuem acreditando. Além disso, fui feita para esse papel. Quando alguém me pergunta quem cuidará do escritório em Roma, dou de ombros. Eduardo está lá, selecionando a equipe. Eduardo supervisionará o trabalho no primeiro ano, indo e voltando. Depois, quando ele encontrar a pessoa certa, vai deixar nas mãos dela. Certamente um italiano... E eu penso em um apartamento em Trastevere. Em uma vida livre, sem horários, sem família, com a esposa a milhares de quilômetros de distância. Alguém comenta que não estou comendo direito, que mal toquei na comida, que “a mulher que não se diverte à mesa...”, e aproveito para recordar de súbito uma chamada importante. Um telefonema de negócios, naturalmente. Procuro com os pés os sapatos abandonados, aperto os dedos como um abacaxi e saio da mesa. Mas em vez de ir até o telefone, vou ao banheiro. Molho o rosto e seco com uma toalha de papel. Então, quando vou retocar a maquiagem, eu a vejo outra vez.

Não tenho dúvida do que vi. Durante o jantar quase não comi e, em vez disso, bebi bastante. Mas por um momento, por alguns segundos, ela esteve ali. Eu a vi muito claramente. O vestido verde, o colar violeta, o olhar frio e enigmático. Não sei se ela abriu a porta e saiu quando me viu. Não sei se já estava ali quando entrei. Tudo aconteceu muito rapidamente. Eu estava secando o rosto com a toalha de papel, brincando mecanicamente com as possibilidades de um espelho de três faces, conferindo meu penteado, meu perfil, e ela, uma sombra verde, passou como um raio na frente do espelho. Corrijo a posição das faces do espelho, abrindo e fechando e, ainda em estado de choque, consigo capturá-la por alguns segundos. A mulher está ali. Perto de mim, atrás de mim, não sei muito bem. Eu me viro no mesmo instante, mas só consigo surpreender a porta se fechando. “Ela fugiu quando me viu”, penso. E não posso fazer mais nada além de recordar seus olhos. Era um olhar frio, enigmático. Mas era também, me dou conta agora, um olhar de ódio.

Dina Dachs é uma jovem como tantas outras. É o que eu digo pela manhã e repito à tarde. À noite, levo para casa a pasta com as informações das novas funcionárias. São cinco, no total. Todas com currículo semelhante, com a mesma idade, com expectativas idênticas de promoção na empresa. Mas Dina tem uma pequena vantagem. Fala três idiomas com perfeição, tem excelentes referências e uma habilidade notável na hora de preencher o questionário interno. Por isso ela foi a primeira candidata que selecionei. Por isso, percebo agora, eu me lembra tão bem do nome dela no dia que corri pela rua atrás da mulher de verde. Dina Dachs

---

é um nome difícil de esquecer, talvez porque não pareça um nome de verdade. Penso em um pseudônimo, um nome artístico: DINA DACHS anunciado em letras gigantes em um teatro de variedades, nome de vedete de teatro de revista... Não sei mais no que eu penso. O vaivém constante dos inquilinos de cima me impede de ordenar as ideias. Amanhã vou reclamar, vou falar com o senhorio ou vou me mudar. Amanhã também vou interrogar Dina. Com tato.

Passei o dia inteiro observando, estudando, monitorando as ligações telefônicas dela, sem que nada de especial tenha aparecido até agora, nada que me levasse a suspeitar de uma vida dupla para explicar as estranhas aparições, primeiro na rua e depois no restaurante. Dina me conta que não sai à noite. Ela diz isso com muita calma, sem saber que a minha pergunta contém uma armadilha. Ela não se importa em ficar até mais tarde no escritório, fazendo horas extras, botando o trabalho em dia. Na cidade, ela não conhece praticamente ninguém. Não tem irmãos nem irmãs. E já não tem os pais. Não tem irmãos? Não, não tem. Então peço para ela fazer uma reserva para hoje à noite em certo restaurante do qual, por incrível que pareça, eu esqueci o nome. Indico a rua, a localização exata, o fato revelador de que as paredes são forradas com carpete e os lavabos dispõem de espelhos de três faces. Dina não costuma jantar em restaurantes, mas de repente lhe ocorre que ela pode consultar uma colega. Deixo que ela faça isso e discretamente fico escutando atrás da porta. Não parece que ela está fingindo. Aí eu digo uma carta, duas, três. São cartas improvisadas sem destinatário e cujo único objetivo é me fazer estudar Dina, encorralá-la, deixá-la confusa, em dúvida. A jovem se dá conta de que o que estou ditando para ela é completamente absurdo. Também percebe que eu não consigo parar de observá-la. A certa altura, envergonhada, ela instinctivamente puxa a saia para baixo e descruza as pernas. Com a desculpa de que o cômodo está cheio de fumaça, eu abro a janela. Está frio do lado de fora, um frio quase tão cortante quanto o silêncio que acaba de se estabelecer entre nós duas. A situação me parece constrangedora. Vou me virar e sugerir que se retire, que está bem por hoje, que vá para casa. Mas não consigo dizer uma palavra. Pela primeira vez na minha vida senti a vertigem de um quinto andar. Porque *ela* está ali. Mesmo sem acreditar no que vejo, a mulher está ali, parada na esquina do lado oposto. Vejo o vestido verde, o colar violeta, a figura indecisa destacando-se na agitação da rua. Parece uma mendiga. A alça do vestido caiu sobre um dos ombros. O cabelo está despenteado, e ela se encolhe como se a qualquer momento fosse morrer de frio. E seu braço está erguido, imóvel. Sua atitude, porém, não é a de alguém que está pedindo esmola. A não ser que ela esteja louca. Ou bêbada. Ou que a mão dela esteja apontada para mim. Eu. Aqui no quinto andar, olhando pela janela do meu escritório.

---

— Mais alguma coisa? — pergunta uma voz cansada atrás de mim.

Peço a Dina que venha até a janela. Abro espaço e aponto o lugar exato para o qual ela deve olhar. “A mendiga”, falo. “Aquela mendiga”. Um ônibus para bem na frente da mulher de verde. Aguardo que ele se ponha de novo em marcha. Eu a entrevejo atrás dos carros. “Dê uma olhada. Ali. Ela está ali. Não, já se foi. Espere...” Sem me dar conta, eu a agarrei pelo ombro. Contrariada, Dina se afasta da janela.

— Não estou vendendo nada — falou.

Está aborrecida, irritada. Ao sair faz o que nenhuma outra secretária se atreveria a fazer. Fecha a porta com força. Quase batendo.

Não posso falar com ninguém a respeito da minha preocupação. Eduardo ainda está em Roma com a esposa. Sei que se trata de um prêmio de consolação, de um ato sem consequências, uma manobra ingênua para assumir projetos iminentes sem pesar na consciência. Mas também sei que não devo telefonar. A esposa estará lá com ele. No hotel, no escritório, em todos os lugares. Também não posso confiar em mais ninguém porque ignoro completamente os termos sob os quais poderia confiar em alguém. Por um momento penso em Cesca, a funcionária mais antiga da empresa. Cesca gosta de mim e me respeita. Mas Cesca gosta de bisbilhotar, de meter o nariz nos assuntos dos outros, falar dos outros, fazer fofoca... Mas se amanhã a mulher de verde voltar a aparecer, por que alguém estranharia se eu chamasse Cesca e pedisse que ela olhasse pela janela? “Dê uma olhada naquela mulher. Faz dias que ela ronda por aqui. Parece que algo estranho está acontecendo com ela”. E então Cesca, pondo os óculos, garantiria que era só uma mendiga, uma dessas pedintes que enchem as ruas nessa época do ano, talvez uma louca, bêbada, prostituta. Ou as três coisas ao mesmo tempo... E então, aguçando a vista, Cesca admitiria que ela lhe lembra alguém. Não sabe dizer exatamente quem, mas lhe lembra alguém... Ou ela chamaria o porteiro. E o porteiro sairia para verificar. Ou talvez nem perdesse tempo com isso. “É uma doida”, diria. “É isso ou é uma golpista. Sempre aparece no bairro na época do Natal. As pessoas dão dinheiro porque têm medo dela”. Mas eu não vi ninguém parando perto dela e lhe dando dinheiro. A verdade é que, do alto do quinto andar, não vi nada além de uma mancha verde com um braço esticado na minha direção, me pedindo alguma coisa, me avisando de alguma coisa. E também vi a Dina. Ao meu lado, apoiada no parapeito da janela enquanto eu apontava para a mendiga. Repito isso várias vezes para mim mesma. A mendiga lá embaixo, na rua; Dina, ao meu lado. Isso deveria ser suficiente para me tranquilizar, para falar de puro acaso, de coincidência, de uma semelhança marcante. Da impossibilidade de que a mesma mulher esteja em dois lugares ao mesmo tempo. Mas tem

---

também a expressão em seus olhos ao tirar o meu braço de seu ombro, ao ficar vermelha de raiva e ao bater a porta com força. É tudo uma questão de graus, penso. Porque falta muito pouco para o olhar de irritação de Dina Dachs se converter no olhar da mulher de verde. Um olhar frio, enigmático. Um olhar cheio de ódio.

Mas não posso culpá-la. Nos últimos dias não fiz nada além de enchê-la de trabalho, dizer-lhe para fazer uma coisa e depois fazer o oposto, chamá-la até o meu escritório ou irromper no dela para me certificar de que ela continua ali, atrás de uma montanha de papéis, brigando com contas, documentos, relatórios. Fico mais tranquila em saber que ela está ocupada e que vai demorar muito ainda para terminar as tarefas do dia; que provavelmente ela será a última a deixar o escritório à noite. E enquanto isso eu penso na mulher de verde. Enquanto isso, aguardo a aparição da mulher de verde, debruçada na janela, com o telefone na mão, pronta para ligar para Cesca ou para o porteiro. Mas não para a Dina. Dina não é como as outras. Depois de tantas horas de observação, eu me dei conta disso. Dina tem orgulho, dignidade, e só Deus sabe até quando vai permitir o assédio a que a submeto sem reclamar. Sei que estou começando a não gostar dela e agora sei também que Dina é muito mais bonita do que eu pensava. É uma dessas mulheres discretas e serenas, que ganham com o trato, com as horas, com os dias. Então eu mantendo Dina presa em sua sala e aguardo. Com os olhos fixos na janela, eu aguardo.

Ela não apareceu no dia seguinte nem no outro. Deixo todo o trabalho que não posso fazer para Dina. Da janela dá para ouvir o barulho frenético da máquina na sala ao lado, mas já não penso nela nem me importo com o que ela possa pensar do meu comportamento. Todos os meus sentidos estão atentos à possível aparição da mulher de verde. Talvez, digo a mim mesma, aquela pobre amnésica tenha recuperado a memória. Ou morrido de frio. Ou foi recolhida por alguma viatura. Me sento na cadeira e me preparam para ligar para Cesca.

Vou dizer que não estou me sentindo bem. “Tome conta de tudo até amanhã”. Mas não consigo discar o número. De repente, senti frio. Um frio úmido e penetrante nas minhas costas que me faz reagir, me dar conta de que realmente me sinto mal e que em pleno mês de dezembro é uma verdadeira loucura manter a janela aberta. Uma rajada de vento desfaz a pilha de papéis. Há dias não lhe dou a menor atenção, e ela não vai me desviar da minha missão agora. Me viro rapidamente, embora suspeite que o frio repentino nada tem que ver com a inclemência da estação ou com o estado dos meus nervos. A mulher está lá embaixo. Na esquina oposta. Atrevida, parece decidida, disposta a atravessar a rua na minha direção. Desvia dos carros como por milagre. Com o braço sempre erguido na minha direção. A deterioração é assustadora. Os

---

trapos do vestido verde deixam um dos seios descoberto e repentinamente seu modo de andar se torna cambaleante, incerto, grotesco. O que foi que me levou a pensar que esse fantoche se parecia com a Dina? Querovê-la melhor e me inclino ainda mais no parapeito da janela, diviso uma mancha verde em um dos pés (apenas em um) e no mesmo instante comprehendo o andar claudicante. O outro sapato ficou esquecido na beira da calçada. Mas ninguém o recolhe, ninguém o afasta com um pontapé, ninguém tropeça. Ninguém, enfim, tem pena da pobre desgraçada e a leva para um albergue. A vida nas cidades é desumana, cruel, impiedosa... Tremendo de frio, fecho a janela e disco o número de Cesca. “Estou muito cansada. Cuide de tudo até amanhã, por favor”. E vou para casa, tomo um remédio para dormir e, desta vez, nem os vizinhos do andar de cima atrapalham o meu sono.

Todo dia 23 de dezembro é o mesmo ritual. “Estou muito cansada, Cesca. Não vou aparecer no escritório amanhã”. E todo dia 24 é a mesma correria, a mesma procura, a mesma perambulação pelo comércio e pelas grandes lojas de departamentos com a lista completa dos funcionários na mão. É uma das tradições da empresa. Um ritual infantil que começava com Cesca fingindo estar preocupada por causa do meu suposto mal-estar, com a piscadela que imagino do outro lado da linha, com a pergunta que vou detectando em todas as pessoas que encontro assim que saio do escritório: “O que vai ser desta vez?”. Visto o casaco e deixo que o porteiro abra a porta para mim. No dia 27, eles vão encontrar o presente em cima da mesa. Um detalhe pessoal, um acerto inesperado por trás do qual estão meus bons ofícios, mas que todos, sem exceção, vão agradecer a Eduardo, como se soubessem que o mais entusiasmado com esta brincadeira infantil é sempre ele, mesmo que esteja, como agora, a milhares de quilômetros de distância ou, como de costume, ignore quais são seus gostos, suas necessidades, seus passatempos. Lembro-me dos óculos de Cesca. Ela sempre os perde, e eles sempre se escondem em algum canto, deslocando-se para os lugares mais improváveis. Compro uma corrente de prata para ela. Depois vem o zelador, o porteiro, a faxineira, o mensageiro, o chefe de pessoal, as novas secretárias... No mesmo instante me dou conta de que nada sei a respeito delas, já que só prestei atenção em uma das jovens. E penso em Dina. Me pergunto se ela merece um presente melhor. Um gesto de delicadeza para que ela perdoe meus abusos, o assédio a que a submeti, o trato urgente e injusto. Mas será que com isso eu não a confundiria ainda mais? Concluo que as funções das cinco jovens do escritório são muito parecidas e todas vão receber um presente semelhante. Entro em perfumarias, lojas de departamentos, lojas de discos. Na bolsa, levo os cartões com a assinatura do Eduardo e os nomes dos funcionários; é melhor ir colocando já agora, à medida que vou comprando, para que não ocorra confusão, e

---

em dois dias todos possam se admirar, se surpreender, agradecer a atenção de Eduardo como se fosse a primeira vez. Como em todos os anos.

O frio desta tarde de dezembro é intenso, mas eu sempre gostei do frio das tardes de dezembro. Apesar da data, apesar das luzes nas lojas, das cantigas natalinas ou da profusão de árvores decoradas, não tem muita gente nas ruas. Por isso eu posso passear, contemplar as vitrines com certa tranquilidade, com o mesmo espírito sereno com que acordei esta manhã. Comprimidos para dormir. Essa é a solução. Um sono artificial que me recuperou de tantos dias de agitação e cansaço. Agora estou começando a ver as coisas de forma diferente. Eduardo foi longe demais ao me deixar por três semanas no comando do escritório. Não estou qualificada e nem tenho a coragem necessária. Meus nervos estavam em farrapos, quem sabe que desatinos eu poderia ter cometido. Mas agora estou contente. Pela primeira vez em muitos dias estou feliz e me pego cantarolando uma canção natalina cuspida por um alto-falante de uma loja qualquer. Devo parecer louca. Começo a rir. E então, com a recorrência de um pesadelo, eu a vejo outra vez.

Não tenho mais medo e já nem me sinto cansada. Só entediada, completamente entediada. Vou segui-la, dar uma olhada de perto nela, convencer-me de que ela não passa de uma mendiga, perguntar se precisa de ajuda. Agora ela sai da avenida iluminada e entra em uma passagem escura. Eu corro e quase a alcanço. Depois paro, mantendo distância com prudência e observo seus passos. Ela está descalça e desliza como um gato pelos paralelepípedos. Seu cabelo parece um ninho de ratos. Seu vestido está em trapos. Já não a chamo pelo nome porque não faço ideia de como ela se chama. De repente, ela para como se estivesse esperando por mim. Apesar da escuridão, percebo que não estamos em uma passagem como eu tinha imaginado, mas numa rua sem saída. No entanto, é tarde demais para voltar. A inércia da corrida me fez roçar suas costas. “Ei”, digo. “Um momento, por favor. Venha cá”. Então noto, perplexa, um pedaço de seda verde na minha mão, um tecido roído pelas traças que se desintegra entre os meus dedos, e ela se vira e dá um sorriso. Mas não é um sorriso, é uma careta. Um ricto terrível. E seu hálito?! Um fedor que me envolve, me nauseia, turva os meus sentidos. Quando recupero a consciência, estou sozinha, encostada em uma parede, e os pacotes de compras estão espalhados pelo chão. Mas não estou surpresa que ainda estejam lá. Pego um por um. Com cuidado, quase com amor. Agora eu sei quem é essa mulher. E volto a pensar em Dina. Pobre Dina Dachs. Trancada em sua sala, voltando para seu apartamento, andando pela rua. Porque Dina, onde quer que ela esteja neste momento, ainda não sabe que já está morta há muito tempo.

---

Ou talvez eu ainda possa evitar. Eu me esqueço dos ditames da razão, essa razão que se revelou inútil e, pela primeira vez na vida, escuto uma voz que surge de algum lugar dentro de mim. Dina, embora ainda não esteja morta, está morta. A mulher de verde é Dina morta. Testemunhei seu processo de decomposição, suas aparições impossíveis em ruas movimentadas, em espelhos, em becos sem saída. Penso em miragens em uma praia quente. Talvez ainda não tenha acontecido, mas vai acontecer. E por inexplicáveis desígnios do destino, coube a mim testemunhar esses eventos estranhos. Parece razoável concluir que só eu posso fazer alguma coisa. E não estou com medo. É estranho, mas não estou com medo, apenas determinada. Então faço o que costumo fazer todo dia 24 de dezembro. Deixo os presentes para os funcionários na guarita do porteiro, verifico se nenhum cartão se soltou, lembro do que tem que ser feito daqui a dois dias. Como sempre, o porteiro diz para eu não me preocupar e se despede como se não soubesse que um dos pacotes é para ele, depois, tranca a guarita e vai para casa. Mas eu não fui embora. É verdade que saí para a rua e dei alguns passos. A luz ainda está acesa no quinto andar, e eu sei quem está ali, batendo à máquina, organizando arquivos, cumprindo horas extras a que a minha ignorância e confusão a obrigaram. Abro a porta da rua com a minha chave e chamo o elevador. Ao chegar ao quinto pavimento hesito um instante. Mas não toco a campainha. Todas as luzes estão apagadas, exceto as de um dos escritórios. Entrei em silêncio, cautelosamente, porque por nada no mundo eu desejaría assustá-la. É por isso que bato com os nós dos dedos e espero.

— Você? — pergunta Dina. Mas, na verdade, ela está pensando: “Você. Você, outra vez”.

Dina está vestindo o casaco, e sobre sua mesa se veem montanhas de papéis, de cartas, de arquivos, de pastas. “Eu já estava de saída”, emenda. Abre a bolsa, enfia algumas cartas dentro, fecha com energia e então, ao me ver parada perto da porta, ela diz: “Você deve estar se lembrando de que hoje é véspera de Natal”.

Reúno todas as minhas forças e peço que ela fique mais um pouco. Que se sente. Que me dê uns minutos e ouça o que tenho a lhe dizer. Dina me obedece de má vontade. Com um suspiro de aborrecimento, de cansaço, de asco. Seus dedos batem no tampo da mesa.

— Daqui a um quarto de hora me esperam do outro lado da cidade. Seja breve, por favor.

A arrogância dela não me incomoda. Nada que a pobre Dina faça ou diga pode me aborrecer. Mas não encontro as palavras. Como explicar para ela que não vale a pena ter pressa? Como fazer ela entender que o tempo, às vezes, não é regido pelos cálculos habituais? Talvez

---

tudo seja uma farsa. Vemos as coisas como nos ensinaram a vê-las. A mesa de trabalho dela, por exemplo... Como ter certeza de que é uma mesa com quatro pernas e um tampo? Quem poderia afirmar que, em quinze minutos, ela estará do outro lado da cidade? O que são quinze minutos senão uma convenção? Uma forma de medir, classificar, reter ou controlar o que nos escapa, o que não compreendemos. Uma estratégia para nos tranquilizar, para não fazermos muitas perguntas...

— Eu agradeceria se você tentasse ser mais específica — ela interrompe com visível irritação.

Mas eu não consigo. Digo que acabo de vê-la na rua. “Outra vez?” Agora ela me dá um meio sorriso zombeteiro. “Será que você não está realmente obcecada?” A qualquer momento ela vai explodir, vai me obrigar a sair da sala, vai ameaçar chamar a polícia. É por isso que devo me apressar. Sim, eu a vi. Hoje e ontem também, e no outro dia no restaurante e, pela primeira vez, em uma rua movimentada. No início, pensei que ela tinha algo contra mim, que estava me perseguindo, me procurando... Depois, achei que não era ela, mas alguém que se parecia muito com ela...

— E agora?

Dina me encara sem a menor paciência. Insisto para ela ficar mais uns minutos. Tiro uma das luvas e volto a calçá-la. De novo me faltam palavras. Não sei como avisá-la. Não sei como dizer que o processo é irreversível. Que não faz nem uma hora, lá no beco, vi a careta da morte em sua boca sem lábios, em seu fedor, na carne decomposta. Só consigo balbuciar:

— Tenha muito cuidado, por favor. Talvez ainda possamos evitar isso. Ou atrasar...  
Atrasar isso ao máximo.

Dina se levanta.

— Sinto muito. Tudo o que você está me contando é muito interessante. Mas agora eu tenho que ir. Talvez você não tenha planos para esta noite, mas eu tenho.

Dina me detesta. Ela me odeia ou acha que sou louca. Só posso deixar que as coisas sigam seu curso. Também me levanto, convencida da inutilidade de qualquer explicação, de qualquer advertência. Me sinto pequena, insignificante e ao mesmo tempo atrevida e arrogante. Eu quis mudar as páginas do destino, mas o destino desta pobre jovem já está traçado.

— Por que você está me olhando assim?

Dina está furiosa. Parada na minha frente, com a bolsa pendurada no ombro, balançando as chaves do escritório em uma das mãos. Talvez eu tenha me equivocado. Mas, quando ela

---

pxou a bolsa com um gesto enérgico, o casaco de tecido se entreabriu uns instantes e eu vi aquilo que preferia não ter visto.

— Você está usando um vestido verde. Um vestido de seda verde.

Os olhos de Dina Dachs lançam faíscas.

— Sua posição na empresa não lhe dá o direito de...

Não sei mais o que ela está dizendo. Tem alguma coisa em sua voz, em seu tom, que não admite resposta.

— Você tem que parar de me observar, de me seguir o tempo todo, de me mortificar com sua presença... Não pense que eu não percebi.

Ela diz essas palavras apressadamente, compulsivamente.

— Se você quer alguma coisa de mim não vai conseguir, mas se está interessada na minha roupa, pode ficar com ela. Um vestido de seda verde. Recém-comprado. Espero que você goste.

Dina tira o casaco bruscamente. Agora é a mesma mulher com quem me encontro repetidamente nos últimos dias. Só falta um detalhe: um pequeno acessório que deve estar guardado em algum lugar. Eu a imagino colocando o colar em frente ao espelho no elevador. No táxi. No banheiro do escritório.

— A bolsa — falo. — Deixe-me ver sua bolsa.

Agora, pela primeira vez, ela parece assustada. Tento o impossível. Convencê-la de que não deve sair vestida assim na rua. Que tudo que estou fazendo é para o bem dela. Mas as palavras são inúteis; agora, mais do que nunca, sei que elas são inúteis. Não sei se estou enlouquecendo ou obedecendo à voz do destino. Porque eu a sacudo pelos ombros. E ela resiste. Agarrada à bolsa, ela resiste e tenta pegar um canivete. Ela está com medo, não ouve a voz da razão. É por isso que eu, firmemente determinada, não tenho remédio senão imobilizá-la, revelar-lhe a terrível verdade e lamentar: “Você está morta. Ainda não entendeu? Está morta!”. Mas Dina já não oferece resistência. Os olhos arregalados de espanto me encaram, e seu corpo desliza ao meu lado até cair no chão, indefesa, aterrorizada. Não tenho tempo a perder e pego a bolsa dela. Procuro ansiosamente uma caixa pequena, um embrulho, o colar sem o qual é possível que nada do que eu previ aconteça. Só encontro papéis. Papéis que não têm importância, que ignoro e jogo para longe de mim. Papéis dos quais, daqui a dois dias, conhecerei o exato conteúdo, assim como o restante do escritório.

E então Cesca meneará a cabeça com tristeza. E ouvirei cochichos, passos, sentirei frio. A conta de luz, um bloco de notas, uma carta... *Querido Eduardo...* palavras que recordo bem

---

porque são da Dina. *Ela fica me observando, me seguindo o tempo todo, me mortifica com sua presença...* E outras que reconheço ainda mais claramente porque são minhas, embora a carta traga a assinatura de Dina Dachs, e eu nunca tenha ousado colocá-las por escrito. *Penso em Trastevere. No nosso apartamento em Trastevere, nos dias que faltam para nos encontrarmos em Roma...* Lembranças das quais não me recordo. *Nunca vou me esquecer da primeira noite, do hotel em frente ao mar...* Frases absurdas, ridículas, obscenas. Promessas de amor intercaladas com sons de passos, chaves, portas se abrindo e fechando, os vizinhos do andar de cima arrastando móveis, um homem de jaleco branco me dizendo: “Você está exausta. Fique calma”. E, sobretudo, Cesca. O olhar compassivo de Cesca.

Mas isso só vai acontecer daqui a dois dias. Agora estou de joelhos, determinada a evitar o inevitável, com a bolsa vazia na mão e rodeada de papéis que não tenho o menor interesse em ler, que afasto com um movimento brusco. Recordo: “Daqui a quinze minutos, do outro lado da cidade”. E então, eu comprehendo. É como se eu estivesse ali, na festa, na reunião à meia-noite, vendo a troca de presentes. Mas Dina não chegará a aceitar a fatídica lembrancinha. Eu consegui assustá-la, impedi-la. “Eu evitei que acontecesse”, digo. E fito as minhas mãos nas luvas. Ainda tremendo, ainda possuídas por uma força da qual nunca me acreditei capaz. E depois olho para Dina no chão, com os mesmos olhos arregalados de terror, de espanto, do que ela deve ter pensado ser a visão de uma louca. Mas Dina está imóvel. Está usando um vestido verde. Vestido verde, sapatos verdes... E só agora, sentando-me lentamente, observo um círculo arroxeadão em torno de seu pescoço e comprehendo friamente que não lhe falta nada. “Ainda é cedo”, digo em voz alta embora ninguém possa me ouvir. “Mas amanhã, depois de amanhã, será um colar violeta”.

15

## REFERÊNCIAS

Andres-Suárez, Irene; Janices, Ana Casas (2007). *Cristina Fernández Cubas*. Arco Libros-La Muralla.

Cubas, Cristina Fernández (1994). La mujer de verde. In *Con Agatha en Estambul*. Tusquets Editores.

---

<sup>1</sup> N.T.: O conto “*La mujer de verde*”, de Cristina Fernández Cubas, teve sua tradução autorizada pela autora, detentora dos direitos de autorais e de reprodução via e-mail à tradutora Ana Resende.